

## DISCURSO DE TRANSMISSÃO DO CARGO DE REITOR – 02/09/2002

Roberto Frederico Merhy

Este, para mim, é um momento muito especial. Pela última vez como Reitor, dirijo-me à minha Universidade. Apesar de ter bastante claro em minha mente que ele representa apenas o vencimento de mais uma etapa e o início de um novo ciclo na história da Instituição, e de ter me preparado para vivê-lo desde o dia em que assumi a Reitoria, tem sido muito difícil conter minha emoção nos últimos dias, tantas e tão tocantes as demonstrações de carinho e amizade que tenho recebido de toda a comunidade universitária.

Fruto dessa emoção, aproveitarei esse espaço protocolarmente destinado à fala do Reitor que encerra seu mandato não para exaltar os muitos avanços institucionais conquistados nos últimos anos, pois são do conhecimento de todos, nem para lamentar as enormes dificuldades enfrentadas nesse período, e que não foram poucas, pois já foram superadas, muito menos para discorrer sobre os novos desafios e missões impostas ao ensino superior nesse início de século, mas sim para fazer uma reflexão sobre meus sentimentos ao chegar ao término da espinhosa missão de ser Reitor de uma universidade pública em nosso país.

Uma escola pode surgir de um decreto; uma Universidade não, principalmente se for pública. Ela é construída passo a passo, ao longo dos anos, com muito estudo, suor, trabalho, amor, sofrimento e até mesmo lágrimas. Uma Universidade é muito mais do que docentes, discentes, funcionários, prédios e laboratórios. Se todo um aparato legal é necessário para criá-la, e outro ainda mais rigoroso tem que ser obedecido para credenciá-la, isto não é suficiente para que ela exista de fato, para que possa ser escrita com um “U” maiúsculo. Ela só existirá realmente se imperar no seu seio o que chamo de **Espírito Universitário**, se cada um de nós sentir-se parte do todo, se conhecermos e reconhecermos sua história, suas tradições, sua luta, e se soubermos honrá-la e respeitá-la.

Não falo de saudosismo, nem de volta ao passado, mas sim do respeito a esse passado e de sua obrigatória conciliação com o presente para projetarmos, com segurança, o futuro; do respeito às tradições para que possamos implantar efetivamente uma tradição de mudanças; da necessidade de ousar,

mas com responsabilidade; de, ao invés de nos perguntarmos o que a Universidade pode fazer por nós, nos ocuparmos em fazer o que for possível por ela.

Quando ingressei na universidade, certamente não tinha esse espírito. Era um engenheiro civil que lecionava. Procurava desempenhar da melhor maneira possível as tarefas a mim confiadas, mas não vivia a universidade plenamente, nem sequer a conhecia.

Com o passar do tempo, fui convivendo com algumas pessoas especiais, que modificaram minha vida. Professores, funcionários e alunos que, de maneiras diferentes e em diferentes momentos, gradativa e imperceptivelmente foram promovendo mudanças em meu modo de pensar e de agir. Algumas de forma mais incisiva e duradoura, outras apenas com um conselho, um exemplo, uma atitude ou até mesmo um “puxão de orelha”, fizeram-me parar para pensar e me repensar. Dentre tantas, lembro a professora Adelaide Thomé Chamma, o professor Alexandre Aracema, as funcionárias Ramilda Maria Cabral e Diva Rosa Montes, os então alunos Roberto Mongruel e Fabiano Varassin e o meu saudoso amigo, motorista e conselheiro Carlos Morais – o Carlito. Destaco especialmente os reitores Álvaro Augusto Cunha Rocha, Odeni Villaca Mongruel, Daniel Albach Tavares, Evaldo Podolan, João Lubczyk e João Carlos Gomes, cujos exemplos me serviram de inspiração no exercício do Reitorado.

Não tenho idéia de quando aconteceu a mudança, mas um dia me dei conta de que me sentia mais um **professor** do que um engenheiro. Que era esse o meu ideal de vida e, mais do que isso, que esta Casa era a minha vida. Sem saber, havia incorporado o **Espírito Universitário**.

Hoje, sei que minha vida não teria sentido sem a UEPG. Aqui cresci profissionalmente e institucionalmente, até alcançar a glória de ser seu Reitor, e o primeiro a ser reeleito. Tive a oportunidade de presidir instituições representativas do ensino superior de âmbito estadual, como a APIESP, e nacional, como a ABRUEM, e de receber aquela que considero a maior honraria de minha vida: a cidadania ponta-grossense.

Mas uma Reitoria não é um caminho que se pode percorrer sozinho. E eu tive, em todos os momentos dessa caminhada, além de uma excepcional companheira, a professora Leide Mara Schmidt, a irrestrita colaboração de toda uma fantástica equipe, cuja luta, lealdade, competência e demonstrações de amor à nossa Universidade me ensinaram que os obstáculos são apenas aquilo que nossos olhos vêem quando desviamos a mente de nossos objetivos.

Leide, entre nós as palavras não são mais necessárias, pois somos amigos há mais de 35 anos, e já faz tempo que nos entendemos só no olhar. Mas nesses oito anos você foi muito mais do que apenas uma Vice-Reitora. Você foi professora, confidente, cúmplice e uma grande Reitora nas minhas ausências. Juntos compartilhamos os bons e os maus momentos. Juntos sorrimos e choramos.

Juntos vibramos com cada vitória conquistada. E juntos sairemos com a consciência tranqüila e a convicção de termos lutado com todas as nossas forças pelo engrandecimento de nossa instituição.

Deixo ainda o cargo com um profundo sentimento de respeito e gratidão por toda a comunidade universitária, cuja criatividade, talento e incrível capacidade de superação sempre me mostraram o caminho certo, renovaram permanentemente minhas esperanças em dias melhores, deram-me a força necessária para continuar lutando cada vez mais por um ensino superior público, gratuito e de qualidade, e encheram de orgulho este que teve a honra e a felicidade de ser – nos últimos oito anos – o seu Reitor.

Professor Paulo Roberto Godoy, Professor Ítalo Sérgio Grande – mais do que grandes amigos, meus irmãos e companheiros de tantas lutas: daqui a poucos instantes passo o comando da Universidade a vocês. Sem conselhos, sem recomendações, mas com a tranqüilidade de quem sabe que o destino desta Instituição que tanto amo não poderia estar em melhores mãos. Ser os principais depositários das aspirações de toda uma comunidade universitária não é tarefa fácil, mas suas histórias de vida demonstram que vocês estão mais do que preparados para assumir essa responsabilidade. Que o Espírito Universitário permaneça com vocês e que Deus, ao invés de aliviar a carga que pesará sobre seus ombros a partir de agora, lhes dê ombros fortes o bastante para suportá-la.

Agora, peço licença para dedicar algumas palavras àqueles que sempre foram a razão de tudo: minha esposa Leda, meus filhos Romulo, Tatiana e Romero, minha mãe Maria Celeste e minha filha mais nova, minha nora Meri. Vocês me conhecem melhor do que ninguém. Sabem o quanto estou me sentindo realizado, feliz e em paz. Mas sabem que também houve momentos de tristeza, de angústia, de choro. Gonzaguinha escreveu, em uma de minhas canções preferidas: “Um homem também chora, menina, morena... também deseja colo, palavras amenas... precisa de carinho, precisa de ternura... precisa de um abraço da própria candura...”. Em todos os momentos difíceis, vocês foram o meu porto seguro. Me deram colo, carinho, ternura. Foram, para mim, a própria candura...

Meus amigos: Alguns anos atrás, alguém me disse que existem momentos na vida de um homem em que, independente de sua postura, sua alma permanece de joelhos, em sinal de respeito e gratidão. Hoje, para mim, é sem dúvida um desses momentos.

Muito obrigado por tudo, e que Deus nos acompanhe.